

O (DES)ACORDO ORTOGRÁFICO: UM PROBLEMA DE APREENSÃO OU INTERPRETAÇÃO?

Fernanda de Souza Rodrigues (UEMS)¹ José Alfredo Silva Melo Sobreira (UEMS)²; Elma Luzia Correa Scarabelli (UEMS)³.

¹ Graduanda do 3º Curso de Letras – Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS - Unidade Universitária de Dourados; PIBID/UEMS – no período de maio/2010 a novembro/2011. E-mail: fefagalera@hotmail.com

² Graduando do 3º Curso de Letras – Habilitação Português/Espanhol da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS - Unidade Universitária de Dourados; PIBID/UEMS – no período de maio/2010 a novembro/2011. E-mail: alfredo_sobreira@hotmail.com

³Orientadora - docente dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidades Universitárias de Dourados; C. Postal 351, 79804-970, Dourados-MS. E-mail: elma@uems.br.

Resumo

Através das experiências oportunizadas pelo PIBID, desde 2010, observamos a grande problemática que gira em torno da leitura, mesmo se tratando de outras competências da língua portuguesa, que não o trabalho direto com esta. Notamos que se o aluno não tem o interesse pela leitura, e conseqüentemente, não lê, ele é extremamente afetado no que diz respeito ao aprendizado dos conteúdos, acarretando sérios problemas, principalmente, no que toca à parte de interpretação. Com a Nova Ortografia entrando em vigor a partir de 2012, sentimos a necessidade de apresentá-la aos alunos de algumas séries do ensino fundamental. As aulas foram ministradas, as dúvidas foram sanadas, mas na hora de aplicar os exercícios, observamos que o problema não se limitava apenas na questão de apreensão do conteúdo, mas também, no antigo problema de interpretação. Nesse sentido, se torna urgente a necessidade de renovar os métodos de se trabalhar com a leitura, tendo em vista, que ela já vem sendo trabalhada, porém, de maneira não adequada para quem objetiva um aluno que tenha interesse, proximidade e prazer pela leitura, para que assim, os problemas que a falta dessa prática traz, sejam solucionados de maneira eficaz. E esse será o próximo passo desse extenso trabalho exercido através do PIBID.

Palavras-chave: Acordo ortográfico; leitura e interpretação; ensino e metodologias.

Introdução

Sabemos que a Nova Ortografia será cobrada oficialmente a partir de 2012. Diante disso, sentimos a necessidade de trabalhar os aspectos mais importantes dessa reforma com os alunos do 7º e 8º anos. Nessa direção, preparamos as aulas, os exercícios, e uma dinâmica para a fixação do conteúdo. Notamos que, aparentemente, a maioria dos alunos apreendia o conteúdo na hora da explicação, mas no momento da resolução dos exercícios, não conseguiam passar do enunciado, pois não entendiam o “que ele estava querendo dizer”, como eles mesmos falavam. Isso não nos trouxe um resultado muito positivo na hora da correção desses exercícios.

Nesse sentido, a necessidade de apresentar a reforma ortográfica aos alunos, como foi visto, nos levou a outro problema de suma importância se tratando de educação. A questão da interpretação é recorrente não só na área de língua portuguesa, mas sim em todas as disciplinas curriculares do ensino fundamental, e como qualquer outro problema, precisa ser solucionado.

Material e métodos

No primeiro semestre, foram ministradas as aulas referentes à nova ortografia, à qual o gramático Pasquale Cipro Neto nomeia de “(des)acordo ortográfico”. Para isso foi utilizado como material o livro de autoria do próprio gramático há pouco citado, intitulado *Reforma Ortográfica* (2009) e algumas dicas retiradas da internet. Sob a orientação da professora em sala de aula, condensamos o conteúdo, a fim de transmitir aos alunos aquilo que fosse de maior relevância para eles naquele momento. O trabalho foi realizado nos sétimos e oitavos anos, com quatro turmas apresentando cerca de 30 alunos em cada uma, na Escola Municipal Neil Fioravante (CAIC).

Logo após a explicação do conteúdo, foi preparada uma folha de exercícios objetivos para que eles respondessem. Os alunos trabalharam em dupla, apresentando muitas dúvidas em relação ao enunciado das questões, o que tem ocorrido em muitos outros exercícios de outros conteúdos, e também nas provas aplicadas pela professora.

Para finalizar o trabalho, aplicamos a dinâmica do “Soletando”, sendo essa a parte mais prazerosa e gratificante de todo o processo. Sorteávamos os alunos pela lista de chamada, e eles soletravam as palavras, também escolhidas por sorteio, de acordo com as novas regras ortográficas. Nesse momento, obtivemos de maneira satisfatória a

participação e o envolvimento dos alunos, e percebemos quão útil foi essa dinâmica para a fixação e apreensão do conteúdo aplicado.

Resultados e discussão

A maior dificuldade que tivemos, foi no momento de resolução dos exercícios. Na hora de resolvê-los, constantemente os alunos iam até a mesa do professor para falar que não tinham entendido o que o enunciado queria dizer. Verificamos que isso interferiu nas respostas, visto que houve um número muito grande de erros. Nesse contexto, analisamos que o problema não estava na apreensão do conteúdo, já que no momento do “soletrando” a participação dos alunos foi extremamente positiva em relação ao acerto das palavras soletradas.

O que ocorre é que, os alunos não conseguem ler e interpretar o enunciado para assim desenvolver a questão coerentemente. Dessa forma, o problema volta para a mesma questão que há muito tem sido discutida: como desenvolver o gosto ou pela leitura nas crianças e adolescentes que estão em processo de formação?

Para conseguir interpretar um determinado enunciado, o aluno tem que aderir a prática de leitura ao seu cotidiano, só assim, com a experiência que adquirirá com a leitura de vários textos, aproximando-se das palavras e dos sentidos das frases é que estará hábil para interpretar aquilo que lhe está sendo pedido.

Segundo Raquel Villardi (1999), “Interpretação pressupõe individualidade, pressupõe a possibilidade de imprimir a própria marca naquilo que se leu”. E como os alunos conseguirão imprimir essa marca, se eles não apresentam um conjunto de leituras que proporcionem o desenvolvimento dessa marca pessoal? Considerando que o ato de ler é um meio pelo qual nós, seres humanos, conseguimos compreender melhor o mundo, e mais ainda, possibilita o nosso posicionamento diante dele, como nos mostra Josette Jolibert (1994) “Ler é questionar algo escrito *como tal* a partir de uma *expectativa real* (necessidade-prazer) numa *verdadeira situação de vida*”; é, portanto, imprescindível que a leitura seja trabalhada de maneira adequada e que produza realmente o sentido desejado acima, no ensino fundamental, que é onde, digamos, começa a formação do leitor.

Diante disso torna-se necessária a renovação dos métodos de leitura que estão em vigor nas salas de aula. Observamos que a leitura tem sido feita num contexto onde

os alunos reclamam constantemente, tornando-a superficial e até mesmo inexistente. Sem uma atração que vá de encontro às expectativas dos alunos é impossível desenvolver neles o gosto e o hábito de ler.

Nessa direção, a proposta futura será desenvolver um projeto de leitura de contos, para que, ao aproximá-los da literatura, através de uma leitura prazerosa e envolvente, é claro que para isso os textos serão escolhidos de acordo com a faixa etária e interesse dos alunos, para que estes sejam despertados para o hábito de ler de forma espontânea, desencadeando e aperfeiçoando então a interpretação não só de enunciados, como narrativas de um modo geral; enfim, abrindo caminhos para a sua própria leitura de mundo, pois ler nos humaniza, nos torna mais sensíveis e nos ajuda a entender melhor a nós mesmos, o outro e o mundo.

Conclusão

Nesse caminho, vemos como a questão da leitura, e conseqüentemente, interpretação, vai muito além de questões literárias, e abrange os conteúdos, não só de língua portuguesa como de outras áreas, que estão no currículo da educação fundamental, como é o caso da nova ortografia.

A leitura é a base de todo o processo ensino-aprendizagem, se o aluno não é estimulado a ler desde a mais tenra idade, a sua educação com certeza ficará comprometida, como estamos observando no presente trabalho.

Os resultados no que se refere à apreensão da nova ortografia por um lado até aqui foram positivos, se pensarmos que no momento do “soletrando” os alunos acertaram consideravelmente, porém, se analisarmos pela folha de exercícios respondida, vemos o lado negativo decorrente da fragilidade dos alunos quando se trata de interpretação.

Nesse sentido, nosso objetivo agora, será fazer o possível para resgatar o interesse desses alunos/leitores através de textos literários, mais especificamente contos, para a partir daí, abrir caminhos para uma melhora significativa nas questões de leitura e interpretação, como em diversas outras áreas que, com absoluta certeza, serão beneficiadas com este trabalho.

Agradecimentos

Agradecemos à UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, pela concessão de bolsa de estudos e apoio e a todos que contribuíram para a realização do estudo.

Referências

JOLIBERT, Josette. 1994. Formando crianças leitoras. **Aprendizado e ensino, o papel facilitador do professor**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, p. 13-15.

NETO, Pasquale Cipro. 2009. **Professor Pasquale explica a Reforma Ortográfica**. Barueri, Ed. Gold Editora/EP&A.

VILLARDI, Raquel. 1999. Ensinando a gostar de ler. **Gostar de ler: um desafio**. Rio de Janeiro, Ed. Dunya, p. 03-11.